

# TEMPORALIDADE DA PESQUISA: DESAFIOS E CONTRADIÇÕES PARA A INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA ESCOLA

Carlos Moacir Vedovato Junior<sup>1</sup>

## Resumo

Este trabalho pretende apresentar e analisar algumas questões acerca do percurso desenvolvido ao longo do ano letivo de 2022, no Colégio Notre Dame, no componente curricular Iniciação Científica, da perspectiva da prática docente. Trata-se de um trabalho em que os estudantes escolheram individualmente temas de preferência pessoal, elaboraram um projeto de pesquisa; levantaram bibliografia especializada, realizando fichamentos; elaboraram um simpósio, com exposição oral em mesas temáticas; e construíram *banners* e resumos das apresentações. Todo esse processo realizou-se sob a orientação do docente responsável pelo componente. O grupo, em geral, considerado bastante empenhado pelo corpo docente do colégio, mostrou-se bastante aberto à realização do projeto. No conjunto, entretanto, algumas questões podem ser levantadas, dentre as quais pretendemos focalizar uma: de que maneira é possível compreender a temporalidade da sala de aula no contexto específico em que se realizou o projeto de Iniciação Científica? A questão se deve a dois fatores condicionantes da prática: em primeiro lugar, de maneira mais geral, trata-se de um trabalho realizado após o período de distanciamento social determinado pela pandemia da COVID-19, quando os estudantes retornam ao espaço escolar de maneira integral e à própria sociabilidade que, conforme tem sido constatado por diversas práticas em diversas unidades escolares, alteraram-se; em segundo, e o que mais interessa a este trabalho em sua particularidade, há a temporalidade necessária vinculada à natureza da própria pesquisa acadêmica que, embora orientada pelos prazos de produtividade, exige uma autonomia dos pesquisadores, sobretudo no que diz respeito à aproximação da bibliografia estudada, bem como ao desenvolvimento de ideias autorais. Parte das ideias apresentadas neste trabalho fundamentou-se teoricamente em estudos recentes sobre as consequências da pandemia na realidade escolar, particularmente, em artigos de Gatti (2020), Senhoras (2020) e Nascimento (2021).

**Palavras-chave:** Iniciação Científica; tempo escolar; prática docente.

O componente curricular Iniciação Científica foi oferecido aos estudantes do 2.º ano do ensino médio do Colégio Notre Dame ao longo do ano letivo de 2022. O objetivo geral do componente é proporcionar aos estudantes uma primeira aproximação com o universo acadêmico, sobretudo no que diz respeito à possibilidade de realização de uma pesquisa autônoma, que ocorresse em função do interesse pessoal de cada um. Assim,

---

<sup>1</sup> Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, doutorando na mesma área e na mesma instituição, professor de Literatura, Produção Textual e de Iniciação Científica no Colégio Notre Dame. [carlosjunior@colegionotredame.com.br](mailto:carlosjunior@colegionotredame.com.br)

tratava-se de encorajar os estudantes a adotarem metodologias científicas para tratarem de assuntos pelos quais se interessassem pessoalmente.

Este artigo pretende apresentar uma reflexão investigativa sobre a *temporalidade* no desenvolvimento deste trabalho, a partir da elaboração de algumas questões que possam nortear a prática em um próximo curso. Para investigá-la, algumas questões iniciais podem ser levantadas: de que maneira é possível compreender a temporalidade da sala de aula no contexto específico em que se realizou o projeto de Iniciação Científica? A questão se deve a dois fatores condicionantes da prática: em primeiro lugar, de maneira mais geral, trata-se de um trabalho realizado após o período de distanciamento social determinado pela pandemia da COVID-19, quando os estudantes retornam ao espaço escolar de maneira integral e à própria sociabilidade que, conforme tem sido constatado (GATTI, 2020; NASCIMENTO, 2021; SENHORAS, 2020) por diversas práticas em diversas unidades escolares, alteraram-se; em segundo, e o que mais interessa a este trabalho em sua particularidade, há a temporalidade necessária vinculada à natureza da própria pesquisa acadêmica que, embora orientada pelos prazos de produtividade, exige uma autonomia dos pesquisadores, sobretudo no que diz respeito à aproximação da bibliografia estudada, bem como ao desenvolvimento de ideias autorais.

Para a construção da reflexão sobre a temporalidade, é necessário passarmos pelo percurso desenvolvido ao longo do ano. Inicialmente, foram apresentados aos alunos alguns exemplos de pesquisas de Iniciação Científica realizadas na Universidade de São Paulo. Também na primeira etapa, foi apresentado o percurso metodológico da Iniciação, que, neste componente, consistiu em: 1) seleção do tema; 2) elaboração de uma pergunta norteadora; 3) levantamento bibliográfico inicial; 4) escrita do projeto de pesquisa; 5) leitura da bibliografia; 6) escrita de um artigo científico; 7) organização e realização de um simpósio escolar.

De maneira geral, as aulas foram organizadas em uma estrutura que pretendia aproximar os estudantes de uma realização autônoma de suas pesquisas. Assim, de início, após a observação do funcionamento das formas de pesquisa acadêmica, os alunos foram convidados a escolher seus temas e elaborar questões para que a pesquisa fosse conduzida. Já neste momento, a lida com a distribuição do tempo parece ter sido uma questão, porque houve alguma percepção de que estavam diante de um tempo não regado por uma estrutura rígida da sala de aula. Em outras palavras, os estudantes teriam que utilizar o tempo de aula de uma forma em que pudessem escolher de que maneira distribuiriam o horário das aulas para a realização das tarefas demandadas.

Nesse sentido, ao passo que alguns discentes já apresentaram, na primeira aula, seus temas e suas questões, outros permaneceram parte do primeiro trimestre escolhendo seus objetos de estudo.

Assim, o problema da administração do tempo das duas primeiras etapas (objeto e problema) se desdobrava em um segundo: à medida que alguns estudantes estavam realizando a terceira e a quarta etapas (levantamento bibliográfico e redação do projeto), outros “ainda” buscavam por seus objetos. Pode-se dizer que essa simultaneidade entre as etapas terminou sendo regra ao longo do ano letivo. Quando alguns alunos preparavam suas apresentações e *banners* para o simpósio, outros ainda estavam distantes de conclusões que poderiam ser parcialmente apresentadas no evento que haviam construído.

Antes de dar sequência, é interessante notar que as diversas maneiras de se lidar com o tempo eram acompanhadas pela diversidade de objetos estudados. Dentre as pesquisas, houve quem se interessasse por estudar objetos ligados diretamente ao cotidiano, como jogos de videogame praticados pelos pesquisadores ou aspectos do futebol, bem como houve também pesquisas muito distantes do universo mais imediato do alunado. Deste último caso, citamos alguns exemplos: a construção do discurso do desenho Hello Kitty para a camuflagem ideológica de elementos fascistas no Japão após a Segunda Guerra Mundial; aspectos de *A interpretação dos sonhos*, de S. Freud; a influência da leitura literária escolar no cotidiano de estudantes do ensino médio; e o *Bitcoin* como forma de dinheiro no mundo contemporâneo.

Se apontamos a diversidade de temporalidades de trabalho e de objetos pesquisados, é porque é este conjunto amalgamado que leva a uma das questões centrais de um processo como este: como planejar o processo de construção de conhecimento em uma disciplina cuja orientação demanda a lida com uma multiplicidade de trabalhos de naturezas tão diversas?

O caminho, em todo tempo, tinha como objetivo também a já mencionada autonomia da pesquisa que implicava na gestão dos esforços realizados em sala (mas também fora dela, pois a este componente é dedicada uma aula por semana na grade curricular). Entretanto, também havia uma outra questão: o retorno à sala de aula presencial no momento posterior ao distanciamento previsto ao longo da pandemia.

A adoção de uma metodologia que contemplasse a variedade de experiências e expectativas ao longo do ano levou a um processo de avanço e recuo quanto à organização das aulas. Em alguns momentos, optou-se por uma exposição inicial em

que se elencaram as próximas tarefas seguida de um tempo mais autônomo; em outros, foi necessário parar o trabalho autoral para uma conversa de balanço sobre os rumos que as aulas e os trabalhos tomavam; em alguns raros momentos, ainda foi possível iniciar a aula com palavras como “Podemos dar continuidade ao trabalho individual” – ao que se seguia o encaminhamento pessoal das pesquisas.

Em outubro de 2022, durante a mostra científico-cultural do colégio, realizou-se o simpósio pretendido pelos estudantes. Os estudantes nomearam o evento (I Simpósio Estudantil ND), elaboraram cartazes e encartes com a programação, bem como o divulgaram entre colegas de outras turmas. Em uma avaliação posterior com o grupo, foi possível averiguar algumas impressões acerca dos próprios trabalhos que os estudantes haviam realizado. Como é nosso objetivo aqui, ficaremos apenas com as percepções relativas à organização temporal do curso.

Houve, como era de se esperar, quem percebesse, apenas, com a realização do evento como positiva a possibilidade de organizar o próprio tempo. Houve também, decerto, quem se posicionasse demandando uma organização mais “dirigida”, ou seja, esperavam que o docente organizasse o trabalho de forma mais direta. Houve, por fim, quem notasse desde o início a possibilidade e o avanço que teve em relação às habilidades envolvidas no projeto: seja no âmbito da construção propriamente da reflexão sobre o objeto, seja no que diz respeito às questões procedimentais.

Descrito o processo e parte da avaliação realizada pelos estudantes, pode-se agora elencar algumas questões sobre o componente Iniciação Científica. Em primeiro lugar, o saldo da organização autônoma do tempo parece ter dado bons resultados percebidos pelos próprios estudantes e materializados nas próprias apresentações do simpósio. Ainda assim, resta, a partir da avaliação docente acerca do próprio curso, além de incorporar a uma próxima experiência as boas práticas, encontrar novos caminhos que possibilitem a percepção do avanço ao longo do curso, sobretudo àqueles estudantes que demandaram uma orientação mais rígida.

Em segundo, parece relevante, tendo como exemplo o primeiro simpósio realizado, apresentá-lo como modelo (mais que a produção universitária) aos alunos do próximo curso, trazendo, inclusive, depoimentos que possam fazer com que os estudantes percebam que o conhecimento científico se realiza aos poucos, e não a partir de uma transmissão imediata ou algo que o valha.

Por fim, há ainda outras questões que precisam ser investigadas e estão diretamente relacionadas ao tempo na sala de aula. Em uma situação de pesquisa universitária, em

geral, o trabalho é realizado a partir de indicações de um orientador especializado no tema de pesquisa, e o trabalho é realizado de maneira autônoma pelo pesquisador (em casa, na biblioteca etc.). Decerto, este não é o caso da Iniciação Científica no interior do novo ensino médio. Isso não se deve apenas ao fato de a grade curricular não ser escolhida pelo estudante, mas sobretudo porque aquilo que se realiza (organização do projeto, levantamento e leitura bibliográfica, tempo de reflexão) fora do espaço universitário mais imediato é realizado em sala de aula. Como conciliar, então, esse conjunto de fatores a uma escola que precisa estabelecer parâmetros de sociabilidade desestruturados pela pandemia? Como realizar esse trabalho em uma turma em que a diversidade de temporalidades de trabalho é também resultado de desenvolvimentos diversos no que diz respeito às habilidades curriculares? Como, por fim, no interior da amálgama temporal, conciliar a relação entre o grupo e orientações individuais dadas por um professor não especializado na área de conhecimento escolhida pelo estudante? Essas são algumas questões para as quais este trabalho pretende ser apenas uma reflexão inicial.

## **Referências**

- Gatti, B. A. (2020). Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. *Estudos Avançados*, 34(100), 29-42.
- SENHORAS, E. M. Coronavírus e educação: análise de impactos assimétricos. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, Boa Vista, v. 2, n. 5, p. 128–136, 2020. DOI: 10.5281/zenodo.3828085.
- NASCIMENTO, O. M. A educação na pós pandemia: desafios e legados. *Revista Faculdade Famen*. p.1 - 10, 2021.